

A CRIANÇA NO TREINO E DESPORTO DE RENDIMENTO

CHILDREN PRACTICING IN PERFORMANCE SPORTS

ENSAIOS

* Jorge O. Bento

RESUMO: A ABORDAGEM TOMA COMO OBJETO AS CRIANÇAS COM IDADE ATÉ A PUBERTADE, QUE FREQUENTAM, VÁRIAS VEZES POR SEMANA, UM TREINO, VISANDO O AUMENTO SISTEMÁTICO DO RENDIMENTO DESPORTIVO.

DISCORDANDO DE POSIÇÕES QUE SÃO RADICALMENTE CONTRA A PRÁTICA DESPORTIVA DAS CRIANÇAS COM AQUELA FINALIDADE, BEM COMO DE POSIÇÕES QUE DEFENDAM TAL PRÁTICA DE UM MODO ACRÍTICO, SÃO APRESENTADAS QUESTÕES E PISTAS PEDAGÓGICO-DIDÁTICAS SUSCETÍVEIS DE TORNAREM O DESPORTO DE RENDIMENTO NUM FATOR DE DESENVOLVIMENTO CORPORAL, PSÍQUICO, MENTAL E SOCIAL DAS CRIANÇAS A PARTIR DOS 7/8 ANOS DE IDADE.

ABSTRACT: THE PURPOSE OF THIS PAPER WAS TO INVESTIGATED CHILDREN WITH AGE UNTIL PUBERTY, WHO PRACTICE SEVERAL TIMES A WEEK, LOOKING FOR A SISTEMATIC IMPROVEMENT IN SPORTS PERFORMANCE.

IN DISAGREEMENT WITH SOME OF THE POSITIONS RADICALLY AGAINST SPORTS PRACTICES WITH CHILDREN, AS WELL AS THE POSITIONS THAR FAVORS THIS ISSUE, BUT WITHOUT CRITICIZE IT, HERE ARE PRESENTED QUESTIONS AND PEDAGOGIC-DIDATIC HINTS WHICH CAN TURN SPORTS PERFORMANCE IN A FACTOR FOR BODY, PSYCHE, MENTAL AND SOCIAL DEVELOPMENT OF CHILDREN FROM 7/8 YEARS OLD.

* Prof. do INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA - UNIVERSIDADE DO PORTO PORTUGAL.

1. INTRODUÇÃO

Sobre o tema "crianças no treino e desporto de rendimento" (ou de competição, como costuma-se dizer entre nós) discute-se, desde há anos, de forma controversa. Contra isso não há nada a opor, desde que se discutam objetivamente os "prós" e os "contras" da problemática do treino e do desporto das crianças.

Infelizmente nem sempre a discussão é pautada pela objetividade e pelo rigor. Muitas são as vozes que, sem fundamento (diga-se desde já), surgem contra a inclusão das crianças no desporto de rendimento. De modo unilateral são referidas apenas as manifestações negativas daquele fenómeno, deixando (malevolamente ou por desconhecimento) por contemplar os aspectos positivos. Não falta até quem proclame, em alto e bom som, que se deva renunciar aos campeões e às medalhas - e isto para o bem das crianças!

Neste coro de censuras contra a inclusão das crianças no desporto de rendimento e contra um treino sistemático para a obtenção de rendimentos elevados, é particularmente visada a ginástica desportiva.

Em resumo, pragueja-se contra o fato de as crianças serem encaminhadas para a prática de uma modalidade desportiva, de serem sujeitas a um plano de treino sistemático (com um volume considerável de horas semanais) para a obtenção de rendimentos desportivos.

Há três formas fundamentais de nos situarmos nesta discussão:

a) Primeira Forma. Aqui o postulado reza mais ou menos o seguinte: - "É altamente pernicioso para o desenvolvimento da criança introduzi-la no desporto de rendimento, sujeitá-la a uma prática diária e sistemática de treino para a obtenção de rendimentos desportivos elevados".

Uma forma de encarar o problema como parte de uma atitude plenamente negativa, significa um voto de desconfiança nos organis-

mos internacionais (UNESCO, C.O.I., por exemplo), nas federações e associações, nos investigadores e pedagogos da prática desportiva.

Nesta posição, corporiza-se uma pseudo-pedagogia, uma pedagogia "pedilologista" ou "criancista" que, de modo algum, contempla os verdadeiros interesses da criança.

Tal concepção ignora, por completo, a dialética entre o desenvolvimento da criança e as exigências que lhe são colocadas. E, com a preocupação obsessiva, de querer proteger a criança de exigências elevadas, esquece que o perigo da falta e da insuficiência de exigências é muito maior que o perigo da sobrecarga, esquece que as crianças, para um desenvolvimento corporal ótimo, necessitam de impulsos, de estímulos, de cargas e de exercitação suficientes.

E, para que tais estímulos e cargas sejam suficientes e fomentadores do desenvolvimento da criança, é necessário que o seu grau de exigência não se situe apenas na "zona de rendimento atual" da criança; deve situar-se também, na "zona próxima ou seguinte de desenvolvimento". É fomentadora de desenvolvimento apenas aquela exigência cuja superação pela criança, conduz esta a uma zona ou estágio superior de rendimento, isto é, de desenvolvimento.

É esta discrepância entre o nível da exigência e a capacidade de rendimento atual da criança, que vai criar e gerar o palco de confrontação, consubstanciado na orientação do pedagogo e na exercitação sistemática e progressivamente autônoma da criança, até que o ciclo se feche, isto é, até que zona de desenvolvimento próximo passe à zona de rendimento atual, abrindo assim um novo ciclo de exigência e de possibilidade de desenvolvimento.

Sem exercitação não há desenvolvimento. A exercitação somente é requerida pela apresentação de exigências de nível superior. Uma exercitação, com pretensões a ser fator de desenvolvimento da criança, orienta-se não tanto pelas funções amadurecidas, mas fundamentalmente pelas funções em amadurecimento.

a) Segunda Forma. Está maneira de ver o problema parte de uma posição completamente otimista e mesmo ingênua. É reveladora de

tanta ignorância como a anterior, embora não radicada numa atitude de má fé - como é, por vezes, o caso daquela.

A formulação da opinião será aqui, mais ou menos a seguinte: - "A inclusão de crianças no desporto de rendimento e no treino sistemático, para a obtenção de rendimentos elevados não reveste quaisquer problemas".

Esta "santa" e ingênua boa-vontade faz tábua rasa de alguns dados, nomeadamente:

. que não está provada a necessidade de uma especialização demasiadamente precoce;

. que esta pode conduzir a uma estagnação de resultados no período da juventude;

. que não é possível ignorar preocupações de caráter médico (ortopédico e anátomo-fisiológicas);

. que a criança, sob o ponto de vista antropológico, é uma essência lúdica, devendo este fato ser observado na construção, organização e metodologia do treino.

Este último aspecto - inserido na direção de progressão:
corpo → movimento → jogo → exercitação → rendimento - não contradiz, em nada, a idéia de que a criança é uma essência bem treinável. Significa, porém, que o treino das crianças, em qualquer atividade motora ou desportiva, constitui uma ajuda necessária para o seu desenvolvimento, devendo, para o efeito, ser oferecido em forma variada e o mais lúdica possível.

Neste sentido, em vez da especialização demasiadamente precoce, deveriam ter lugar uma estruturação e construção progressiva do rendimento, ajustadas aos níveis de desenvolvimento da criança e, por isso mesmo, em três etapas distintas de formação:

	FORMAÇÃO MOTORA, GERAL,
Três etapas de	FORMAÇÃO MOTORA, GERAL, DE BASE
formação na	(7/8 - 9/10 anos)
estruturação e	TREINO DAS BASES (OU FUNDAMENTOS) DO RENDIMENTO
construção pro-	(9/10 - 11/12 anos)
gressivas do	TREINO ESTRUTURADO DO RENDIMENTO
rendimento	(12/13 anos)

Na formação geral de base, não se trataria ainda de um treino orientado para o rendimento desportivo, mas sim - tanto no conteúdo como no método - de um tipo especial de ensino para crianças com talento motor geral. O objetivo seria o de, complementar as aulas de educação física:

- . melhorar as qualidades corporais gerais, isto é, a base do rendimento motor geral,

- . despertar e aumentar o interesse em rendimentos desportivos,

- . preparar para o treino sistemático do rendimento desportivo.

O processo de especialização numa modalidade desportiva começaria apenas na fase do treino das bases do rendimento desportivo (9/1 - 11/12 anos). Este treino caracterizar-se-ia por um direcionamento crescente para as particularidades da modalidade desportiva.

O sentido de direção, e a hierarquia de intenções - atrás expressas - dificilmente passarão de um voto piedoso, entre nós, enquanto se mantiver o quadro atual da educação física nas escolas: - começa apenas quando a criança tem 10/11 anos de idade e não dispõe dos meios necessários a execução satisfatória das tarefas que lhe estão atribuídas.

c) Terceira Forma. Esta última posição defende o desporto de rendimento das crianças e o assume, responsável e conscientemente,

como fator de desenvolvimento corporal, psíquico, mental e social das crianças - a partir do 7/8 anos de idade.

Semelhante opinião constitui uma responsabilização :

. Face as próprias crianças - que não podem ser prejudicadas por pressões e pela pressa de obter rendimentos elevados, e que devem ser defendidas de interesses estranhos aos seus, com efeitos perniciosos.

. Face aos pais - que devem estar seguros de que no desporto não acontece nada contra o bem dos seus filhos.

. Face aos professores, treinadores, dirigentes e colaboradores - que precisam de balizas claras para a sua ação.

Por isso esta posição de defesa, responsável e consciente, do desporto de rendimento para as crianças, pretende fazer luz:

. acerca das possibilidades de desenvolvimento que o desporto de rendimento oferece às crianças,

. acerca do modo como devem ser organizados o treino e a competição, a fim de que possam transparecer os valores positivos, e possam ser impedidos perigos e abusos,

. acerca das condições a criar para a prática do desporto de rendimento pela criança.

Antes de avançarmos com a explanação destes pontos, deve ser salientado com toda a clareza:

Na educação e desenvolvimento da criança existem sempre imponderações e incertezas. Por isso, postulados e princípios de orientação e ação não podem libertar da responsabilidade individual aqueles que conduzem e orientam crianças no treino para a procura de rendimentos, em qualquer atividade motora.

Os postulados, referidos em seguida, dizem respeito às crianças até a puberdade (12/13/14 anos), que frequentem, várias vezes por semana, um treino planejado e organizado, para o aumento sistemático do rendimento desportivo.

2. SERÁ O DESPORTO DE ALTO RENDIMENTO (OU DE ALTA COMPETIÇÃO) UM MODELO VÁLIDO DE REFERÊNCIA E DE INSPIRAÇÃO PARA O DESPORTO DAS CRIANÇAS E JOVENS?

Não será aquele, hoje em dia, um campo de conflito de objetivos, de princípios, de formas e de soluções?

O desporto de rendimento revela, em medida crescente, efeitos diferentes (ou além) daqueles que lhe estão atribuídos e são constantemente afirmados em declarações formais.

. O desporto conduz (deveria conduzir!) a uma forma saudável de vida —→ Porém os casos de prejuízo para a saúde têm aumentado, o que se constata até pelas preocupações em garantir a saúde e a integridade física dos praticantes, mediante cuidados suplementares, e com o recurso a investigações condizentes!

. O desporto oferece (deveria oferecer!) possibilidades de realização significativa do tempo livre —→ Porém as cargas temporais de treino ao longo da semana, assim como a tendência crescente de realizar o treino várias vezes por dia, reduzem as condições de usufruto do tempo livre disponível!

. O desporto cria (deveria criar!) uma variedade de contatos sociais —→ Porém os praticantes do desporto de rendimento são frequentemente separados dos envolvimento sociais em que cresceram, nomeadamente da família, do grupo de colegas da mesma idade, dos amigos e conhecidos, isto é, são conduzidos ao isolamento social!

. O desporto é (deveria ser!) um fator importante do desenvolvimento da personalidade —→ Porém as condições unilaterais de vida, que campeiam no desporto de rendimento, apontam apenas para um desenvolvimento e equilíbrio insuficientes no plano corporal,

intelectual e social!

É precisamente no domínio do desporto de rendimento de crianças e jovens que a estrutura e forma de organização do desporto cai num conflito: - conflito entre as expectativas crescentes de rendimento desportivo de crianças e jovens e a perspectiva de servir, responsável e conscientemente, a educação da juventude.

Parece, no entanto, que isto não é sentido como conflito, nos organismos estatais de tutela, nas federações, nas associações e clubes. Todas as pessoas participantes e implicadas se limitam a cumprir a sua obrigação, não necessitando a sua atividade como políticos, como governantes, como orientadores, como treinadores, como médicos, como professores, como funcionários, como formadores e investigadores, não necessitando qualquer justificativa suplementar.

E isso prova, afinal, que o conflito apenas é resolúvel no contexto de sistema das atividades daquelas pessoas e não com apelos simplistas a cada uma delas.

As estruturas, há longo tempo criadas para o desporto de alto rendimento (e geradoras de conflitos), implicam uma prática de desporto de rendimento pelas crianças, que não se justifica por mais tempo.

Orientado pela finalidade de produzir rendimento desportivo, o sistema do desporto conduz a que o desportista perca a sua posição de sujeito da atividade, se transforme em objeto, num produto visível, mensurável e valorável, que o seu corpo se transforme em instrumento de apresentação do rendimento do sistema (racionalidade objetiva, tecnocracia pura).

O conflito assume ainda outros contornos. A motivação para a formação do sistema do desporto é clara: a importância do rendimento desportivo tornou-se tão evidente que aquele não podia mais ser deixado apenas à conta do praticante. Precisando melhor: a necessidade natural (de crianças e jovens) de jogo, de desporto e movimento não constitui mais base suficiente de evolução para rendimentos

mais elevados.

A base familiar e escolar, e a auto-orientação no tempo livre não são suficientes para a obtenção do rendimento desportivo, requerem o apoio de medidas centrais de reforço, de garantia, de orientação e de controle sistemáticos. Mais ainda, o rendimento desportivo requer a especialização, isto é (ao jeito de comparação com a história da cultura e com a história da humanidade), tem subjacente a decisão de praticar produção de rendimentos em monoculturas.

Tudo isto tem consequências para o praticante - consequências cujas facetas negativas se revelam bem no desporto de rendimento de crianças e jovens. Enumeremos algumas:

O recurso a um treinador já é um passo para substituir a auto-orientação pela orientação estranha. O treinador oferece ao desportista uma soma de experiências que este isoladamente não consegue adquirir. Porém, nesta ajuda, ocorre uma separação de trabalho corporal e intelectual. A experiência não se apresenta assim como uma relação de conhecimento e de ação. Ao "aliviar" o desportista, assume o treinador a condução intelectual do desenvolvimento do rendimento do seu discípulo. Mas assumirá ele, também, a responsabilidade por tal desenvolvimento?

O recurso a árbitros e juizes insere-se na mesma linha de preocupação (e de conflito). Todos sabem a vantagem de ter um juiz num jogo de competição. Ele pode, com apoio dos seus ajudantes, observar melhor aquilo que é correto ou não, despista queixas incômodas surgidas, por vezes, com a interpretação das regras.

Porém, esta ajuda corporiza também uma separação dicotômica entre o empenhamento corporal (contra alguém) e a responsabilidade social. A observância das regras, controlada de fora, coloca o problema da moralidade fora do confronto direto do desportista. A ação transforma-se num monólogo. O diálogo - isto é, precisamente aquilo que é fonte da moral - é excluído. A introdução e a vigilância exterior das regras institucionalizadas retira do desportista a possibilidade de testar pelo diálogo e em situações de conflito, caso

a caso, a validade das regras no sentido do imperativo moral.

Também o apoio material (expresso em facilidades de tempo e em dinheiro, nomeadamente através das chamadas "bolsas") está sujeito à dialética de obrigação e liberdade.

Tais "ajudas" concedem, ao desportista, a liberdade de poder treinar mais intensa e mais objetivamente. Contudo isto significa que outros dispõem do tempo (e) do atleta. O negócio de troca de tempo e dinheiro, torna o desportista dependente. Submete-o à obrigação de corresponder às expectativas dos "apoiantes", dos patrocinadores e dos patrões.

Importância particular para o rendimento do desportista assume, hoje em dia, a investigação nas diferentes disciplinas científicas inerentes à ciência do desporto.

Os resultados da ciência no domínio crescente do universo, estendem-se também ao domínio da natureza humana. Isto significa, em primeiro lugar, um acréscimo da liberdade do homem face aos limites impostos pela natureza exterior e até pela sua natureza interior.

Quando os conhecimentos e experiências do desportista e do seus treinadores se revelam insuficientes, a ciência pode dar uma ajuda, investigando as condições de produção de rendimentos desportivos. Mas nesta ajuda reside uma separação de experiência e de conhecimento. O conhecimento do cientista do desporto não encontra correspondência na experiência subjetiva do praticante.

Precisamente, no ponto em que as investigações ou controles (por exemplo, na medicina e psicologia desportiva) não são mais sensíveis ao sujeito, ou não podem ser suficientemente percebidos por ele, podem surgir não apenas a possibilidade, mas sobretudo a realidade da manipulação. A introdução de sistemas de orientação e controle pode tornar (ou torna mesmo) os desportistas dependentes dos "orientadores" e "controladores".

Em resumo, todos, estes sistemas, estruturas e medidas, fornecem uma ajuda (não "desinteressada") ao desportista, mas conduzem

a fragmentações, parcelamentos, parcializações, isolamentos e especializações das diferentes funções implicadas na produção do rendimento desportivo.

O sistema do desporto de rendimento não comporta em si mesmo, de modo automático, a responsabilidade que deveria ter face ao desportista. E, porque não consegue desenvolver uma ética própria, torna-se cada vez maior o conflito entre produção de rendimento e responsabilidade humana.

Semelhante conflito de objetivos toca não apenas a globalidade do aparelho organizativo, mas também todo e qualquer membro contido neste. Cada elemento consegue legitimar-se apenas a partir de si mesmo e fora do contexto de responsabilidade, face à pessoa do desportista.

Sejamos bem claros:

. Os esforços em alcançar, a todo o transe e custo, a produção de sucessos desportivos, voltam-se contra a natureza humana - tal como a produção e o desenvolvimento económico, a todo o preço, se voltam contra o nosso envolvimento natural. Um pensamento ecológico, antropológico, ético e sensato, não pode aceitar semelhante disparate. (Os fins - e que fins? - não justificam todos os meios!)

. A maneira como as pessoas lidam consigo e com o seu corpo, tem algo a ver com a moral. Pessoas e culturas concretizam a sua moralidade no comportamento corporal.

. A maneira como as pessoas no desporto lidam consigo mesmo - ou como o sistema do desporto lida com elas - torna-se, por meio dos órgãos de comunicação e propaganda (e também por vezes, mediante a educação oficial), um modelo de comportamento que não apenas é assumido, de modo visível, pela massa dos praticantes, mas que também influencia o comportamento corporal de cada cidadão.

Para o que o desporto de alto rendimento possa constituir um modelo válido de referência e de inspiração para o desporto de crianças e jovens, NÃO BASTA TORNAR AQUELE MAIS PERFEITO. É preciso torná-lo MAIS HUMANO!

Urge, pois, que o desporto das crianças e dos jovens seja expurgado das características do sistema de desporto, geradoras de problemas e conflitos.

Rendimento desportivo e competição não bastam como ponto exclusivo de referência e orientação para o desporto das crianças.

As crianças devem viver o desporto em toda a variedade dos seus sentidos e significados: como um importante domínio pedagógico de experiências, como fator fomentador do desenvolvimento corporal e da competência motora, como campo de experimentação e vivência da competência pessoal, como um alargamento das vivências coletivas, como influência positiva da auto-imagem e do conceito de vida. Tudo isto são condições e resultados a acrescentar ao rendimento desportivo (legítimo, justo e sensato) procurado no desporto das crianças, na competição desportiva infantil.

O comportamento e capacidade de aprendizagem, no desporto de crianças e jovens são diferentes aos dos adultos; requerem, por isso, outras acentuações de objetivos, outros conteúdos e outra configuração do processo de exercitação, de treino e competição.

3. O SIGNIFICADO DO RENDIMENTO PARA A CRIANÇA

As exigências colocadas à capacidade de rendimento são necessárias para o desenvolvimento das crianças, nomeadamente para o desdobramento das suas aptidões particulares em todos os domínios da vida, em todas as facetas da estruturas da personalidade.

As crianças têm uma necessidade natural de confrontar as suas forças com as mais diversas oposições, de as comparar com as dos

outros.

Por isso a procura de rendimento, em atividades motoras e desportivas, na idade infantil (7 - 12/13/14 anos), deve ser vista positivamente.

A procura de rendimento desportivo pela criança pode e deve:

. fomentar o desenvolvimento corporal, espiritual, intelectual e sócio-moral,

. transmitir experiências e noções concretas acerca do valor e capacidade próprias, assim como influenciar positivamente a imagem de si próprio e a concepção de vida,

. criar vivência de coletivismo e estimular a atuação social,

. alargar, como realização plena de sentido do tempo livre, o horizonte de vivência e de experiência.

Para o entendimento daquilo que é o desporto de competição e para a atitude da criança para com ele não é indiferente àquilo que é valorado como rendimento e êxito, como falhanço ou derrota, como fracasso ou insucesso. A questão importante neste contexto reza se apenas o êxito ou os primeiros lugares são apreciados como rendimento, ou se também a criança como produtor de resultados é contemplada na classificação do rendimento.

É preciso esclarecer a variedade de sentidos do conceito de rendimento e a importância dos pressupostos individuais para a capacidade de rendimento. Isto é, temos que nos decidir por uma ruptura com a ideologia do rendimento como um valor em si mesmo, independentemente do contexto temático e circunstancial em que é produzido.

Para isso é necessário informar e formar as crianças acerca do significado das condições individuais como pressuposto e fator co-determinante do rendimento desportivo. As crianças devem aprender que os colegas podem apresentar diferenças à capacidade de ren-

dimento, devido a constituição corporal ou idade biológica distintas, devido ao envolvimento social em que nasceram, vivem e crescem.

Este conhecimento pode ajudar a ordenar melhor competência e não competência, sucesso e insucesso, vitória e derrota, a fomentar a compreensão para o outro e a cooperação, a resolver mais facilmente os conflitos de tipo individual e social.

Semelhante consciência acerca da importância de alguns pressupostos do rendimento desportivo não pode ser confundida com a inserção de atitudes e sentimentos doentios de pessimismo e de conformismo, de resignação. O empenhamento ativo, o grau de mobilização das forças volitivas, a persistência, a racionalidade e a objetividade na exercitação, no treino e na competição, também são fatores determinantes do rendimento desportivo - formador de um sentido de vida!

Tudo isto pertence ao significado do rendimento para a criança!

4. A CRIANÇA: PONTO DE PARTIDA DE TODAS AS REFLEXÕES

A abordagem do tema "as crianças no desporto de rendimento" apoia-se, muitas vezes, em aceções que revelam um entendimento antropológico duvidoso acerca do desenvolvimento infantil e da essência da criança. Assim admite-se, que aquilo que a sociedade pretende também será desejado pela criança - e para o bem desta!

Isto significa, que as expectativas da sociedade devem ser fundadas de acordo com as necessidades da criança. Trata-se, pois, de obter uma sintonização das expectativas da sociedade com as necessidades das crianças.

Em segundo lugar (e por dedução) admite-se que o papel destinado às crianças, corresponde ao papel que as crianças pretendem assumir. De todos os lados e com grande insistência, convergem para a criança sinais acerca do papel (de treinado e de produtor) que é aguardado dela.

Esta concordância é possível, apenas quando as expectativas de desenvolvimento da criança são persistentemente direcionadas para aquele papel, apenas quando os pais, treinadores, grupo de treino, a escola, o clube e a opinião pública (que penetra na esfera de comunicação da criança) acentuam sempre esse papel. Assim, é possível uma socialização da criança no sentido do alto rendimento.

Mas isto mostra bem como as malhas de orientação social e pedagógica se tornam cada vez mais apertadas; a rede à volta da criança aperta-se de tal modo que esta parcela do desporto de rendimento se assemelha a um pequeno sistema totalitário.

Admite-se ainda, que as expectativas da sociedade encontram correspondência nos motivos das crianças, isto é, que as crianças fazem aquilo que se espera delas (e isto seria a raiz dos seus motivos).

Porém, isto apenas se consegue mediante uma renúncia crescente à autonomia da criança - um postulado de ouro da psico-pedagogia e da educação!

Na história da educação desenvolveram-se alguns princípios, que valem como axiomas a respeitar em todo o trabalho educativo, procurando uma unidade equilibrada dos contrários.

Este equilíbrio deve ser conseguido entre:

.Realização e vivência do presente — Orientação pelo futuro.

.Formação multilateral — Especialização

.Individualização — Socialização

.Auto-determinação — Influência externa

.Orientação — Autonomia.

As decisões pedagógicas devem ser sempre re-encontradas e repensadas, nesta relação de tensão.

No sistema do desporto de rendimento o presente da criança é, por vezes, excessivamente sacrificado ao futuro. E a que futuro?

Não ao futuro das crianças, que se vêem constrangidas a lutar pelo seu futuro, quando relativamente cedo se afastam do desporto!

A especialização - princípio fundamental do sistema do desporto de rendimento - surge, não raras, vezes e de modo perfeitamente natural, como um valor absoluto. A criança é, assim, colocada a serviço do desporto, mas não o desporto da sua educação e formação.

As teorias mais recentes do desenvolvimento da personalidade tornam claro que este ocorre apenas no equilíbrio entre a realização de exigências estranhas e a iniciativa pessoal. Encontramos sempre a repercussão deste princípio no desporto das crianças e jovens?

A criança tem direito a poder desenvolver-se de acordo com as suas aptidões e necessidades, e a ser apoiada pela sociedade neste desenvolvimento.

A redução dos espaços de movimento e jogo, nas nossas vilas e cidades, parece colocar as crianças numa espécie de jardim zoológico. As suas possibilidades de movimento são tão reduzidas que não se pode esperar um desenvolvimento motor satisfatório.

A escola, por si só, não consegue suprir esta carência, até porque o sistema escolar carece de excessiva carga intelectual, enquanto o organismo se confronta sobretudo com carga estática. E isto, segundo dados de investigações no estrangeiro, repercute-se no fato de 50 a 60% dos alunos revelarem erros e insuficiências de atitude ou postura corporal.

Embora não se possa esperar, que a primeira tarefa do desporto de rendimento das crianças, no clube, seja um programa de recuperação ou compensação, pode, no entanto, a variedade da carga ser pensada de forma a constituir uma contribuição para a compensação das insuficiências de movimento, tanto no que se refere ao aparelho de suporte e motor como ao sistema cardio-circulatório. O treino e o desporto no clube são, assim, chamados a ajudar a prevenir e eliminar as deficiências ou insuficiências existentes.

São grandes as possibilidades de cooperação e complementariedade entre o desporto na escola e o desporto no clube. Não é uma exteriorização de utopia, mas sim uma questão de bom senso!

5. PARA UMA ATIVIDADE DE RENDIMENTO AJUSTADA À CRIANÇA

A organização da atividade desportiva (do treino e do rendimento) é concebida e realizada pelos adultos. As crianças não têm forçosamente, a partir de si mesmas, uma necessidade de atividade de rendimento, tal como é praticada e organizada pelos mesmos.

Assim, é de admitir que a organização da atividade - com as suas regras, com as suas leis e com as suas implicações intrínsecas - possa acarretar limitações e exigências que contrariem os princípios do desenvolvimento da personalidade da criança..

Como princípio fundamental, para a estruturação da atividade de rendimento das crianças, deve vigorar, sem quaisquer restrições ou hesitações, o seguinte:

O desenvolvimento presente e futuro das crianças não pode ser sacrificado e hipotecado a sucessos de curto prazo e duração.

Não é do interesse da obtenção eficaz de rendimentos que as crianças apresentem já rendimentos elevadíssimos. São inúmeros os exemplos que confirmam esta tese.

As crianças devem, sobretudo, ser progressivamente introduzidas em rendimentos, que se realizarão plenamente no período da juventude e na idade adulta.

Daqui resulta o seguinte:

São de fomentar todas as aptidões motoras, capacidades pessoais e necessidades sociais da criança. Isto significa, que deve ser evitada uma especialização precoce em habilidades motoras exageradamente reduzidas e numa extremidade corporal. A formação motora geral é não apenas um princípio, mas uma necessidade pedagógica

imposta pela estruturação e construção correta e em tempo oportuno do rendimento desportivo:

Em simultaneidade com a procura de rendimento desportivo devem ser estimuladas a alegria, a vivência coletiva e os sentimentos de auto-confiança no valor próprio.

Aspectos isolados do rendimento desportivo, orientação para o sucesso, interesses restritos não podem autonomizar-se e prejudicar o desenvolvimento multilateral da criança. A procura de rendimento deve deixar suficiente espaço livre, a fim de a criança não ser inibida na sua evolução. Para isso, o fomento do rendimento implica que a criança seja conduzida, progressivamente, para atuação autónoma.

Rendimentos elevados são possíveis apenas quando as crianças os conseguem colocar a si mesmos, como objetivos, e quando possuem uma motivação pessoal para tal; não são impostos. Um pressuposto importante para isso reside na informação (em contornos ajustados à criança) acerca da estrutura do treino e do planeamento de pontos altos ou competições, acerca das possíveis consequências da atividade de rendimento.

É igualmente importante a participação da criança nas decisões que lhe dizem respeito, nomeadamente acerca do tipo de treino, acerca da participação em competições ou realizações de impacto semelhante, acerca da sua caminhada na trajetória da atividade desportiva.

À criança deve, pois, ser dada, em todo o tempo, a possibilidade de participar nas decisões sobre si própria, sem que daí advenham repercussões negativas.

O treinador ou professor deve estabelecer com a criança **RELAÇÕES HORIZONTAIS** e tratá-la como uma **PESSOA INTEIRAMENTE LIVRE**.

.A procura de rendimento desportivo não pode prejudicar a vida das crianças. As solicitações, neste domínio, não devem prejudicar (permanentemente ou não) o rendimento escolar. As crianças não podem, em momento algum, ter a sensação de que são prejudicadas ou favorecidas na escola, devido aos seus interesses por atividade desportiva.

A criança deve usufruir de uma situação que lhe permita contatos sociais variados, não apenas no treino e nas competições, mas também no círculo da família e dos amigos. Um eventual isolamento tem que ser evitado a todo o custo. Iguãlmente, deve ser garantido espaço suficiente para o cultivo de outros interesses vitais no tempo livre.

6 PRINCÍPIOS DIDÁTICO-METODOLÓGICOS

Sintetizemos agora uma série de princípios didáticos-metodológicos para a estruturação, organização e condução do treino e da prática desportiva - suscetíveis de favorecerem uma concretização das idéias apoiadas no decorrer das páginas anteriores.

. As condições do treino e da competição devem ajustar-se à situação particular da criança, às suas aptidões, capacidades e circunstâncias de desenvolvimento.

. Conteúdos e métodos de treino devem apresentar contornos infantis.

Variedade de movimentação e formação lata da condição física devem ter a primazia; a especialização ocorre mais tarde. Neste contexto é importante lembrar que a exercitação motora, nestas idades, não pode ser entendida como se se trata de "preparação física" (com um caráter muito específico e com uma finalidade eminentemente preparatória da competição). Nesta fase, trata-se de uma educação físico-motora (corporal), com um caráter formativo global, modificadora da condição total (corporal, motora, anátomo-fisiológico e psíquica) da criança.

A predominância da formação de capacidades corporais condicionais e coordenativas, bem como a variedade de movimentos e de exercitação visam um fundamento sólido para resultados futuros, pelo que surge em primeiro plano:

- .Aumento das possibilidades funcionais do organismo,
- .Formação multilateral das capacidades coordenativas e funcionais,
- .Criação de uma base alargada das mais variadas habilidades e técnicas motoras.

Os locais ou recintos de exercitação devem ser equipados e decorados em conformidade com esta linha de ação. Também em nossas casas montamos e decoramos os quartos dos nossos filhos de maneira diferente dos nossos. Este lado emocional e psíquico do problema deverá ser encarado com toda a frontalidade e seriedade.

.Respeito das leis didáticas do ensino. Nesta fase da formação desportiva da criança é relativamente grande a percentagem do componente "ensino". Partindo das possibilidades, particularmente favoráveis nestas idades, para a formação de capacidades coordenativas e de habilidades motoras latas, reina a preocupação de ensinar atempadamente as bases da técnica e do comportamento tático.

A aprendizagem da técnica e do comportamento tático decorre, primeiramente, em condições simplificadas, facilitadas e em forma lúdica. A repetição das diferentes ações técnico-táticas ajuda a formação econômica e objetiva de muitos elementos, já na forma global e final.

.Sintonia entre a construção da carga e a capacidade de a suportar. O aumento da carga, no treino das crianças, pressupõe uma contemplação cuidadosa e consciente do sexo, da idade e da capacidade de rendimento de cada criança. Quanto mais nova é a criança, e quanto mais baixo é o seu nível de rendimento corporal, mais frequentes devem ser as fases de descanso e recuperação, e as alternações dos meios e formas de exercitação.

A frequência de treino por semana pode ser a mesma do adulto. Contudo, o volume e a intensidade da exercitação são forçosamente dependentes da idade e do estado de rendimento do praticante, bem como do caráter das unidades de exercitação ou treino.

É de referir que a carga ou o grau da exigência resulta tanto (ou mais) da forma de organização do treino como das tarefas que comporta.

As crianças adaptam-se bem a solicitações físicas elevadas. Num treino, ajustado ao estágio de desenvolvimento corporal e psíquico das crianças, não é preciso preocupar-se quanto aos perigos à saúde.

A responsabilidade particular da forma de organização do treino e da prática desportiva, resulta do fato de que estes não são determinados apenas por limites biológicos do rendimento, mas também por aspectos éticos, pedagógicos e médicos.

Por isso deve procurar-se definir individualmente, com cada criança, onde residem os limites temporais, físicos e psíquicos do rendimento.

-As preocupações, a respeito das exigências de rendimento não devem levar ao esquecimento de que a justificação educativa de uma atividade se prende exatamente com o fato dela constituir:

- . um campo onde o rendimento e a capacidade de render não se comprovem como casuais, arbitrários, como historicamente ultrapassados;
- . um campo onde os objetivos, conteúdos, métodos da atividade colocam ao homem exigências de superação, expressas em resultados e rendimentos a obter.

Não se trata pois de uma atividade sem exigência de rendimentos, mas sim de equacionar estes corretamente!

Para o treino devem ser desenvolvidos planos de curta amplitude temporal (não mais de 4 semanas), a fim de a intensidade e as exigências do treino estarem sempre ajustadas à capacidade da criança. Esta sofre surtos freqüentes de desenvolvimento que é preciso acompanhar e controlar permanentemente.

-É preciso conceder tempo suficiente de espera até a obtenção de resultados. A orientação forçada da formação para a obtenção de resultados no mais curto espaço de tempo, conduz a sobrecargas do organismo do jovem praticante e não serve ao seu desenvolvimento ulterior. As primeiras competições formais devem ser precedidas por uma preparação extremamente cuidadosa e dilatada. No trabalho com crianças, não são particularmente desejadas competições que não estejam integradas no plano normal e na sistemática da formação.

-Necessidade de concordância entre a formação escolar e o plano de treino ou exercitação. A periodização do treino de crianças em idade escolar deve assumir forma diferente da dos adultos. Assim as cargas mais elevadas devem ocorrer nos períodos de paragem da atividade escolar. Também nessas alturas poderão ter lugar pontos altos da formação, tais como saraus, festas e competições desportivas.

-Treino e competições não devem absorver todo o tempo livre da criança; esta deve poder contar com tempo suficiente para todos os outros domínios da vida: escola, família e amigos.

-Deve renunciar-se a um treino de manhã cedo ou em horas muito tardias do dia (entrando pela noite a dentro). Mesmo que isto possa levar a que o treino não se realize sempre nas horas mais favoráveis sob o ponto de vista da "curva da disponibilidade fisiológica para o rendimento"!

-A oferta e participação em eventuais competições deverá ter sempre um caráter regional e não nacional, a fim de evitar uma pressão desajustada da ânsia de sucesso, bem como uma sobrevalorização da criança e dos seus êxitos na competição. Isto não quer di-

zer que se deva prescindir da indicação e a apresentação de classificações; pelo contrário. Porém, ninguém deve ser excluído do cerimonial respectivo, e a todos devem ser entregues medalhas, lembranças ou diplomas, isto é todos devem receber um atestado da sua participação.

Competições por equipes devem ser particularmente fomentadas, enquanto que o volume das competições individuais deve ser bem ponderado.

Neste contexto, urge ainda uma consciência pedagógica sobre um problema inquietante e grave. Pode-se pensar que quando os responsáveis - dirigentes, pais e especialistas -, tal como a sociedade consumidora do desporto, não sentem nada perante o emprego de crianças e jovens para a representação internacional do desporto e do país.

Na ginástica, por exemplo, as moças são "convertidas" em senhoras, sendo aquelas que asseguram de fato a chamada "ginástica de senhoras". E isto implica que as moças de 15 anos estejam já na classe mais elevada, abandonando, a maioria delas, na idade de 18/19 anos a prática de tal atividade. Mas isto significa ainda que, pelo menos cinco anos antes das suas primeiras participações nacionais e internacionais (ou seja, aos 10 anos), as meninas são sujeitas a um treino intensivo, com um considerável dispêndio de tempo.

Não podemos ficar indiferentes perante ao fato de que as crianças nos representam no desporto, principalmente quando esta representação não surge como consequência de um percurso humano e pedagogicamente balizado e responsabilizado.

-É indispensável uma estreita colaboração e sintonização de esforços de todas as entidades e instituições que têm a seu cargo a educação e o desenvolvimento da criança.

Esta procura de ajustamento deve traduzir-se numa unidade de princípios e de linhas de atuação.

Não faz sentido que a criança não seja conduzida na escola, no clube, na associação, na sala de aula, no ginásio, ou no dojo, de acordo com os mesmos princípios gerais, pedagógicos-didáticos. Se há diferenças neste aspecto, então as diferentes instituições e entidades não cooperam, mas afrontam-se, são oponentes e não cooperantes, não são concordantes mas divergentes, não se complementam, mas aulam-se reciprocamente.

Este quadro é altamente pernicioso para a criança. Infelizmente o estado real das coisas entre nós prova que temos dado pouca atenção a este problema, que o temos em pouca monta -se é que, alguma vez, tomamos consciência dele!

A colaboração é, particularmente, importante entre o clube e a casa paterna. A casa paterna desempenha um papel de relevo na direção pedagógica das crianças que praticam, uma atividade motora, cultural e desportiva. Assim, deve-se cuidar para que a criança, entre as exigências da atividade desportiva e as da escola, disponha de espaço suficiente para o desenvolvimento dos interesses próprios da sua idade e do tempo livre, bem como para o cultivo de contatos sociais.

Os pais devem ser permanentemente informados da situação, das possibilidades e dos riscos da carreira desportiva dos seus filhos, a fim de poderem acompanhar e apoiar corretamente o seu desenvolvimento.

Deve-se estar atento ao fato de alguns pais, movidos por uma ambição exagerada ou para compensarem as suas frustrações ou fracassos no passado, poderem colocar os seus filhos sob a pressão obsessiva do êxito.

-Para além da sua tarefa específica, o professor, o treinador, instrutor ou o monitor tem uma responsabilidade pedagógica pelo presente e pelo futuro das crianças que lhe são confiadas. Deve possuir e saber aplicar conhecimentos sobre os problemas específicos biológicos, psicológicos e sociais do desenvolvimento da criança. Tem que partir do princípio de que não conseguem dominar os problemas apenas com regras gerais; deve ser capaz de reconhecer

e levar em consideração a possibilidade de rendimento e os limites de carga de cada criança.

Para esta tarefa específica, são preparados na sua formação; porém a sua qualificação pedagógica deve ser constantemente melhorada, mediante a participação em ações de formação permanente.

Esta melhoria da qualificação dos professores e instrutores, dos ajudantes e dirigentes, contribuirá, certamente, para eliminar um pensamento de prestígio egoísta, isto é, a procura insensata de sucessos demasiado precoces, bem como os fortalecerá para se oporem às pressões de instituições e de entidades estranhas a este domínio da atividade, mas zelosas de nela colherem dividendos.

-É necessário um exame médico cuidadoso que garanta, por um lado, que apenas as crianças sem riscos de saúde sejam admitidas numa prática orientada para o rendimento e, por outro lado, forneça indicações precisas acerca da exercitação aconselhável e acerca da capacidade de carga de cada criança. Estas preocupações implicam na necessidade de um acompanhamento contínuo e atento das crianças por parte da medicina desportiva.

-O clube constitui a base insubstituível para a atividade motora e desportiva da criança e para a realização da sua necessidade de rendimentos. Deve-se procurar uma grande aproximação com a escola e com a casa paterna, para que as crianças possam encontrar, também nelas, a unidade de viver, de treinar e de aprender - unidade que assegura mais eficazmente o desenvolvimento total da criança.

Aos meios de comunicação social, apela-se para que informem objetivamente sobre as possibilidades e potencialidades educativas, bem como sobre os problemas que o treino e o desporto de rendimento comportam para as crianças e os jovens. Devem mostrar, sem equívocos, as suas formas negativas, mas devem também apresentar as suas potencialidades positivas.

7. CONCLUSÃO

O treino e o desporto de rendimento podem fornecer uma contribuição para a educação e desenvolvimento do homem, já na idade infantil.

É desta possibilidade que emana um apelo à responsabilidade e à reflexão, por parte de todos os que intervêm naquele processo.

Nunca saberemos tudo (não obstante alguns pensarem que sabem muito ou até mesmo demasiado!) a respeito das crianças. Estamos sempre à procura. Por isso devemos ter bem presente que é possível organizar sempre melhor o ensino, a aprendizagem e o treino da criança com um esforço sério da nossa parte.

Daqui decorre permanentemente um desafio renovado de conceitualização, de organização, de estruturação e de direção do treino e do desporto de rendimento das crianças e dos jovens.

Assim, se pensarmos e agirmos em conformidade, conduziremos a criança com objetividade e com racionalidade, com consciência, até a obtenção dos melhores resultados.

Este empenho e procedimento serão a melhor garantia de que o estádio, o pavilhão, o ginásio e o dojo constituirão um trigal, onde as nossas crianças - os nossos filhos! - florirão como papoulas rubras de entusiasmo, de alegria, de inteligência, de liberdade e de felicidade!

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BENTO, J. O. Que iniciação desportiva? Consideração acerca do treino e desporto de rendimento das crianças. Porto, Curso de Formação da Associação de Ginástica do Norte, Abril 1984.
- 2 BENTO, J. O. Justificação e significado Pedagógico da Educação Física e do Desporto. Jornadas Pedagógicas 84, Sindicato de Professores da Grande Lisboa. 1984
- 3 BENTO, J. O. Desporto na escola e no clube. possibilidades de uma cooperação. Horizonte - *Revista de Educação Física e Desporto*, 2(1): 3-6, 1985
- 4 DIETRICH, K. Leistungssport fuer kinder' Kinder fuer den Leistungssport. *Sportunterricht*, 34(5):169-176, 1985.
- 5 GARSKE, U. Zu paedagogischen Orientierung des Sports mit Kindern im Verein. *Sportunterricht*. 34(7):250-258, 1985.
- 6 MATWEJEW/NOWIKOW. Theorie und Methodik der Koerpererziehung. Band 1 e 2, Berlin, 1982.

**LEIA
ASSINE**

KINESIS